



a.r.t.e.

TEATRO

Eu, robô

Por Nelson de Sá

Em "Or press scape", a húngara Edit Kaldor relaciona web e palco como nunca se viu

Edit Kaldor não gostou de saber que eu era jornalista. Passou a descrever, longamente, como um jornalista havia deixado a platéia no meio de uma apresentação na Europa, ligado seu laptop no saguão e tentado interferir no espetáculo pela web. Como ele foi dissimulado. Mas ela se acalmou após saber que eu fui uma das poucas pessoas que assistiram sua performance um dia antes, em São Paulo.

A reação da performer é contrastante com sua obra. Em "Or Press Scape", ela mergulha na mídia como jamais se viu no palco. Integra a web à cena ao vivo e desvenda um novo mundo -que se conhece do cotidiano, mas que o espelho do teatro ainda não havia refletido. Como um trans-homem nietzscheano, na expressão preferida por Zé Celso, a artista húngara entra e domina a máquina; integra-se a ela e tira dela sensações fascinantes e desestabilizadoras.

A apresentação dura uma hora e meia, sem uma palavra, sem "mise-en-scène" que se possa tratar como tal, e rompe com o tempo. Para a performer e o público, o que se vivencia é o tempo da web, como ela descreveu na conversa do dia seguinte. Foi depois de ler um artigo científico, sobre a mudança na sensação do tempo quando se está on line, que ela levou a performance ao extremo que se vê em "Or Press Scape".

Mas às primeiras coisas primeiro. Edit Kaldor nasceu em Budapeste, onde viveu até os 13 anos. Foi então com a mãe para Nova York, onde estudou literatura na Universidade Columbia. Passou anos como dramaturgo, videomaker e performer da companhia Love Theater, do diretor Peter Halasz, de quem absorveu sua rejeição à interpretação teatral como ela se dá usualmente.

Disse, em São Paulo, que foi para se livrar da afetação de atores e atrizes que criou uma peça em que isso não tem como acontecer.

De Nova York para Bruxelas. Kaldor passou alguns anos trabalhando com animação e computação gráfica, até se transferir para Amsterdã e criar há dois anos, no DasArts, "Or Press Scape". Para isso, eliminou não apenas atores -embora ela o seja, à sua maneira-, mas o aparato teatral. Não tem cenógrafo, por exemplo: a performance foi concebida com um webmaster. Um webmaster punk e independente, acrescenta ela, tão avessa às corporações.

Marc Boon, o programador holandês, criou um software para abrigar a peça. O ambiente virtual pode ser o Windows, o mais usado, mas também há outros -ao mostrar as opções, depois da apresentação, ela travou o sistema, mas garante que só enfrentou o problema uma vez, ao vivo, e mesmo assim no final da apresentação, o que resolveu descendo ela própria para a platéia e encerrando ali.

Determinadas palavras acionam determinadas respostas do sistema. Podem puxar um aviso de erro ou um vídeo. É assim, em parte, que se constroem a narrativa e o conflito de "Or Press Scape". Mais

autora do que qualquer outra das funções que assume, Kaldor conta uma história com uma multiplicidade de signos, todos do cotidiano de quem acessa internet, escreve num Word da vida ou envia um e-mail.

Em cena, ela não diz uma palavra. Quando o espectador entra na sala, está sentada diante de seu teclado, de costas para a platéia, e assim permanece até o fim. Diante dela e do público, a tela do computador surge em projeção de tamanho pouco menor do que a tela pequena de um cinema. Tudo vai se dar ali.

A primeira sequência é um texto algo surreal que ela escreve, corta, reescreve, em conflito consigo mesma. É a dramaturgia de Kaldor na essência -esse vaivém das palavras. Descobre-se depois que é a descrição de um sonho, quando ela guarda o rascunho na pasta "dreams". Corte, de tempos em tempos, para escrever outro texto, uma lista de tarefas para si mesma -e refaz, e hesita, e acrescenta... Suas vacilações e decisões dão humor à apresentação.

Outro quadro. De tempos em tempos, abre-se "automaticamente" uma pequena janela com a imagem ao vivo de uma câmera, que se descobre aos poucos tratar-se de uma câmera colocada na porta do apartamento e que, em gravações arquivadas, mostram um vizinho que entra ou sai. É para ele que a performer, intrigada, escreve um e-mail ou talvez uma mensagem para impressão -que ela reescreve, hesita e por fim não grava e elimina.

Outro quadro. A máquina avisa que não tem mais memória, que é preciso eliminar arquivos. E ela passa a eliminar. Sua vida corre pela tela, em fotos arquivadas, velhos sonhos, músicas, e vai para a lixeira. Suas escolhas são de emocionar.

Outro quadro. A certa altura, ela desiste da lista de tarefas e escreve tão-somente: "Lave suas roupas. Tome banho. Faça-se apresentável". É então que recebe por e-mail o convite para uma sala de chat, com webcam. Hesita novamente, mas entra. É uma sala como qualquer outra, sem graça, com três ou quatro pessoas (reais, ao vivo, explicou ela depois) que se perguntam e conversam sobre nada, entre pequenas janelas com imagens de baixa definição.

Nem aí ela fala. Fica lá, "chatting", enquanto as luzes se acendem, o público entende e vai embora. E ela segue lá. A alternativa é o título, "Or Press Scape", ou teclar sair.

O espetáculo

"Or Press Scape" faz apresentações no Rio de Janeiro, nos dias 30 e 31 de julho de 2004, às 20h, no Sesc Copacabana.

Nelson de Sá

É jornalista, colunista da "Folha de S. Paulo", crítico e diretor de teatro. Dirigiu recentemente "4.48 Psicose", peça da inglesa Sarah Kane.